

**O USO DO PRONOME A GENTE E AS MULHERES
QUILOMBOLAS DE RIO DAS RÃS:
UMA ABORDAGEM SÓCIO-HISTÓRICA**

Maria Aparecida de Souza Guimarães (UNEB)

cidaguimaraesuneb@gmail.com

Jorge Augusto Alves da Silva (UESB)

adavgvstvm@gmail.com

RESUMO

Com este estudo, investigamos o uso do pronome *a gente* em posição de sujeito no Quilombo de Rio das Rãs no interior da Bahia. A partir de trechos de narrativas femininas originados das entrevistas realizadas sob orientações e métodos usados na Sociolinguística, discutimos aspectos de estruturas linguísticas e extralinguísticas relacionados à temática *a gente* e *nós*. Recorremos a princípios teóricos da Variação e Mudança Linguística (LABOV, 2008) e a uma abordagem sócio-histórica (LUCCHESI, 2000; MATTOS E SILVA, 2004; SILVA, 2005). Se, por um lado, as gramáticas normativas registram o pronome *a gente* em discursos informais (CUNHA; CINTRA, 1985) ou em contexto impessoalizador (BECHARA, 2004), por outro lado, os estudos sociolinguísticos realizados em várias regiões do Brasil têm mostrado o quanto o *a gente* vem ocupando o lugar do pronome *nós* (LOPES; VIANNA, 2015). Para Lucchesi (2009), todas as variedades da língua portuguesa na América e na África, o pronome pessoal canônico da 1ª pessoa do plural *nós* enfrenta uma concorrência crescente da forma *a gente*. Hoje, com o resultado do processo de gramaticalização, a consciência dessa estrutura sintagmática original já se perdeu para a maioria dos brasileiros (LUCCHESI, 2009). Os resultados encontrados no *corpus*, em análise, têm apontado para um uso crescente da forma *a gente*, sobretudo, pelas mulheres.

Palavras-chave:

Sócio-história. Pronome pessoal. Variação linguística.

ABSTRACT

With this study, we investigated the use of the pronoun *a gente* in the subject position in the Rio das Rãs Quilombo in the interior of Bahia. From excerpts of female narratives originated from interviews conducted under guidelines and methods used in sociolinguistics, we discuss aspects of linguistic and extra-linguistic structures related to the theme *a gente* and *nós*. We use theoretical principles of Linguistic Variation and Change (LABOV, 2008) and a socio-historical approach (LUCCHESI, 2000; MATTOS E SILVA, 2004; SILVA, 2005). If, on the one hand, normative grammars register the pronoun *a gente* in informal discourses (CUNHA; CINTRA, 1985, p. 288) or in an impersonal context (BECHARA, 2004, p. 162), on the other hand, sociolinguistic studies conducted in various regions of Brazil have how much we have been taking the place of the pronoun “*nós*” (LOPES; VIANNA, 2015). For Lucchesi (2009), all varieties of the Portuguese language in America and Africa, the canonical personal pronoun of the 1st plural person *nós* faces increasing competition from the form *a gente*. Today, with the result of the grammaticalization process, the

awareness of this original syntagmatic structure has already been lost for most Brazilians (LUCCHESI, 2009). The results found in the corpus, under analysis, have pointed to an increasing use of the form *a gente*, especially by women.

Keywords:

Socio-history. Linguistic variation. Personal pronoun.

1. Introdução

Pretendemos com este estudo discutir sobre o uso do pronome *a gente* encontrado na fala de mulheres de Rio das Rãs em substituição ao pronome de primeira pessoa do plural (*nós*), bem como, refletir sobre as estratégias de uso do pronome *a gente*, usado pelas mulheres negras quilombolas dessa comunidade.

Por compreendermos a língua pelo viés da heterogeneidade e compreendê-la como uma forma de comportamento social, tomamos como suporte para esta análise referencial teórico da Sociolinguística laboviana (Cf. LOBOV, 2008) e revisitamos autores como Lucchesi (2000); Mattos e Silva (2004) e Silva (2005).

Em conformidade de Labov (2008), as mulheres adotam as formas inovadoras mais rapidamente que os homens. Desse modo, nossa hipótese é a de que as mulheres negras quilombolas de Rio das Rãs usam a forma *a gente* com mais frequência que os homens, sendo as mulheres mais jovens propulsoras dessa inovação. Dada a nossa compreensão acerca da língua, somos levados a crer que “(...) algum mecanismo de interação social está em ação, o qual não pode ser o produto de simples pressões estruturais ou a simples imitação. Parece que a variação social desempenha um papel sistemático na mudança linguística. (...)” (LABOV, 2008, p. 353-4).

Além disso, ressaltamos que o português afro-brasileiro exibe uma frequência de uso da forma inovadora *a gente* superior à que se observa na norma culta, sendo liderada pelos segmentos populares de mais baixa escolaridade (Cf. LUCCHESI, 2009). Com base nessa assertiva, por um lado, afirmamos maior frequência do uso de *a gente* em comunidade quilombola de base rural e reforçamos nossa hipótese inicial de que as mulheres quilombolas, da comunidade de fala em questão, exibem uma frequência de uso do pronome *a gente* maior que a dos homens.

Do ponto de vista linguístico, analisamos o pronome *a gente*, em posição de sujeito, na fala de mulheres em uma comunidade quilombola

no interior da Bahia, localizada no município de Bom Jesus da Lapa, melhor caracterizada ao longo desse estudo.

Consideramos importante trazemos para esta reflexão uma visão do pronome *a gente* apresentada por meio da gramática tradicional (Cf. CUNHA; CINTRA, 1985; BECHARA, 2004), bem como uma visão sociolinguística a exemplo de Lucchesi (2009); Lopes e Vianna (2015).

O presente texto encontra-se organizado em seis partes sendo: 1. Introdução; 2. Mulheres negras quilombolas de Rio das Rãs: uma sócio-história; 3. Pronome *a gente* em posição de sujeito; 4. Procedimentos metodológicos; 5. Nossos dados: resultado e discussão; 6. Considerações finais e, por último, as Referências bibliográficas.

Para o presente artigo, buscamos responder à seguinte questão: Quais são as estratégias linguísticas usadas pelas mulheres quilombolas quanto ao emprego do pronome *a gente* em posição de sujeito?

2. Mulheres negras quilombolas de Rio das Rãs: uma sócio-história

Nesta seção, trazemos falas de mulheres negras quilombolas de Rio das Rãs. Focamos, sobretudo, nos trechos que permitem-nos conhecer os aspectos sociais dos agentes que constituem esta comunidade de fala, bem como o fenômeno linguístico em análise: o uso do pronome *a gente* em lugar de *nós*.

Embora apresentemos, neste estudo, a sócio-história das mulheres em uma comunidade específica, no Nordeste, no interior da Bahia, em um espaço rural do município de Bom Jesus da Lapa, não perdemos de vista que esta comunidade encontra-se localizada em um espaço maior chamada Brasil. Assim, Mattos e Silva (2004) propicia-nos a entender a importância do conhecimento da variação espacial e social para, então, os aspectos linguísticos serem melhor compreendidos:

[...] a partir da variação espacial e social sincrônica a novas preocupações com a ‘história interna’ do português brasileiro, que para ser interpretada na sua totalidade exige que melhor e mais detalhadamente se conheça a complexa ‘história externa’ da sociedade multilíngue do espaço que, a partir do século XVI, se denominou Brasil. (MATTOS E SILVA, 2004, p. 30)

Nesse empenho, apresentamos a sócio-história das mulheres negras quilombolas de Rio das Rãs por meio de vozes que falam de si mesmas, da história e vivências cotidianas vivenciadas por elas e demais

membros da comunidade, do quilombo. A seguir, temos essas vozes por meio dos trechos de entrevistas realizadas sob a orientação metodológica da Sociolinguística.

AFSm1RR⁷⁰ inicia sua fala em primeira pessoa do discurso *eu*, embora não seja esse o objeto de nosso estudo, destacamos a importância desta apresentação em primeira pessoa com o propósito de mostramos o quanto o pronome pessoal *a gente* e *nós* fazem-se presentes em uma proposta de comunicação da comunidade.

Vejamos: Um *a gente* aparentemente genérico, mas colado a uma intenção de vivencia plural. Observemos, pois, os termos *menino* e *rumbora*, usados abaixo, sem se perder o olhar para o *a gente*:

[...] Sou quilombola, beradeira do Rio Grande mesmo, nasci na beira do rio e convivi lá aos quatro pra cinco anos na beira do Rio Grande e minha infância era uma maravilha, era bom demais. Eu era uma pessoa, uma menina muito feliz, né? Brincava e subia em cima dos cipós, descia cipó (risos). [...] naquele tempo do quadrado que nem diz hoje, era um tempo muito bom, era um tempo que menino sabia o que que era fazer panelinha, fazer comidinha, *a gente* fazia comidinha, *a gente* fazia brinquedinho, tanto brinquedinho de barro, que ali que *a gente* fazia e fazia fogueira, fazia fogueirinha, ah, *rumbora* fazer um cozinhado, meus filhos não sabe o que que é brincar de fazer um cozinhado, naquele tempo *a gente* sabia o que era fazer um cozinhado, *rumbora* chamar o vizinho, a vizinha, o compadre, a comadre (risos), né? [...] (AFSm1RR)

Sigamos, então, com a sócio-história, mas com o olhar para as formas *a gente* quer em contextos explícitos ou não. No trecho a seguir, observamos que AFSm1RR usa a referência *a gente* para falar de si, um uso genérico [eu+ qualquer pessoa]:

A gente vai vivendo em cima dessa terra, porque *nós* não ficamos pra sempre, né? Que nem *a gente* já perdeu muitos, *a gente* já perdeu muitas pessoas, muitos parente, queridos da gente né, e...mas as vezes a pessoa fala assim: “Ah, eu perdi fulano, eu vou morrer”. Não, aquele ali, ele continua em cima da terra e só vai morrer o dia que Deus determina de ele ir. O dia que Deus determinar, Deus tirar ele dessa terra, Deus tira, agora enquanto não é o tempo dele, o que ele tem que fazer, trabalhar, fazer da parte dele, né, porque: “Ah mas eu perdi meu filho, eu perdi minha filha, perdi meu tio, perdi meu sobrinho, perdi meu primo”. Mas a vida continua, *nós* sabemos que, aonde tá o irmão ali que *a gente* perde, os pais da gente tá ali, os filhos da gente tá ali, né, tem o outros irmãos tão ali, né, e *nós* sabemos que um precisa do outro, então, é um ajudando o outro, né?

⁷⁰ As primeiras letras representam um nome fictício para as informantes, “m” representa o sexo da informante, nesse caso, mulher, o número representa a faixa etária (1 – 25/35 anos, 2 – 45/55 anos e 3 – mais de 65 anos).

Porque se **a gente** for pensar em morrer, acho que morre todo mundo não fica ninguém em cima dessa terra (risos). Acho que fica só a terra purinha aí, porque, o tanto de gente, fazer que nem, tanto de gente que diga assim, vou morrer, vou morrer. Não. **A gente** tem mais é viver, não é? [...] (AFSm1RR)

Falar sobre a infância leva o falante de uma língua conectar-se com sua história pessoal, com sua relação com os membros da sua família, amigos, vizinhos, além de se colocar em um lugar que liga o presente ao passado, o passado ao presente. É um presentificar-se por meio da linguagem. AFSm1RR, estando em um tempo presente, busca memórias do passado:

“[...] Sou quilombola, beradeira do Rio Grande mesmo, nasci na beira do rio e convivi lá [...]”. Assim falando, de um modo “singular” e elíptico, o verbo em sua flexão leva-nos ao reconhecimento da primeira pessoa do discurso (*eu*), mas, “[...] **A gente** vai vivendo em cima dessa terra, porque **nós** não ficamos pra semente, né? [...]” Identificamos nessa apresentação da moradora do quilombo um uso variável dos pronomes pessoais *a gente* e *nós*: “**A gente** vai vivendo” e “porque **nós** não ficamos pra semente, né?”. **A gente** em forma explícito, seguido de uma locução verbal em terceira pessoa. Em seguida a variante *nós*, também explícita e seguido de verbo flexionado em primeira pessoa do plural. E a vida-morte-vida segue entre *nós* e *a gente*: [...] a vida continua, *nós* sabemos que, aonde tá o irmão ali que *a gente* perde, os pais *da gente* tá ali, os filhos da gente tá ali, né, tem o outros irmãos tão ali, né, e *nós* sabemos que um precisa do outro, então, é um ajudando o outro, né? [...] (AFSm1RR)

Nem toda a infância dessas mulheres negras foi vivida como a apresentada no trecho de fala segundo AFSm1RR. A exemplo de MAXm1RR: “É o seguinte, a minha infância foi muito difícil (...)”. (MAXm1RR). Tempos em que os mais velhos cuidavam dos mais novos. É o que afirma MAXm1RR:

[...] Os mais velho era muito castigado assim para trabalhar, né? Porque o mais novo, eu cuidava dos pequeno, tinha a questão da roça, né? Minha mãe rapava mandioca, meu pai ia fazer algum serviço, né? Foi muito difícil de na verdade. Então, ele não me dava oportunidade pra eu aprender, pra eu ir para a escola, não tinha muita oportunidade, as coisa pra *nós* era muito difícil mesmo, **a gente** veve do feijão, mi, abobra, do que planta, né? Então as coisa que *nós* vivemo era dali. Então não tinha muita oportunidade e aí, eh, *nós* morava no Rio das Rãs, chegou a oportunidade de *nós* vim aqui pro assentamento do Rio das Rãs, aí *nós* mudemos pra cá e tudo, aí, eu, jovem, entendeu? Não estudei, aí arrumei um namorado aí fui muito bem depois, né? Casei nova, jovem, podia ter estudado mais, né? Aí arrumei os filho, entendeu? (MAXm1RR)

Vida lúdica, da fantasia própria de criança, ANSm2RR apresenta em sua fala o uso variável de **a gente** e **nós** [eu +as meninas].

Brincava! **Nós** brincava de boneca, de casinha, fazia uma casinha assim, cortava os pau e fazia umas casa e **a gente** ficava debaixo. Aí, **a gente** pegava, assim, tinha um... umas baginha de uns matin que tinha, **a gente** pegava *desbuiava* e aí botava, fazia uma lata, cortava uma lata de *óleo* e botava no fogo e brincava lá de boneca, e aí tinha as menina e **nós** pegava e agora vamos comer, aí botava lá, mas **nós** não comia, sabe? Fazia que comia, mas não comia, porque não podia comer, né? E **a gente** fazia isso daí, e **a gente**, é brincava muito de boneca, porque as menina brincava mais era de boneca, aí **nós** fazia cozinhado, tinha vez que **nós** pegava um *tiquinde* arroz, ou um pouquinho de feijão, mas **nós** pegava mesmo era essas, uns matinho que tinha umas baginha, **nós** descascava, botava no fogo e aí **nós** brincava bastante. (ANSm2RR)

Além das águas necessárias para o plantio das roças, a relação dessas mulheres acerca das águas era constante. Nesse caso, para a lavoura, mas havia outras relações com as águas quanto à pesca para o próprio consumo e para aquisição de outros bens:

[...] **a gente** ia pra lagoa, saia de manhã cedo, cedo, uma hora dessas já tava na lagoa, pescar de vara de anzol, não sei se você já ouviu falar. Aí pescava o peixe, **a gente** pescava assim óh, tudo caia lá, **a gente** pegava, matava, vinha, chegava de tardezinha, boca da noite, e o sofrimento pra chegar tratar, quando pegava um (ININT) tinha que escalar, depois pnhar sal, fazer um giral e colocar em cima, pra poder secar, pra poder vender no cheiro. Era um sofrimento viu! E aí todo dia **a gente** ia, todos os dia, não tinha um dia que **a gente** não ia, pra poder pegar pra comer e vender pra comprar o açúcar, o arroz, na época que eu morava mais meu avô, né, e aí sempre, toda vida **a gente** foi assim. (ANSm2RR)

Na relação passado e presente, identificamos, no momento atual, as melhorias quer seja na educação, saúde, um certo conforto com a chegada das tecnologias:

Antes era muito difícil, hoje já mudou muito que antes **a gente** não tinha energia, morava nas casinha de barro, não tinha energia, é, a escola, **a gente** estudava, já estudou debaixo dos pau também, igual no tempo da minha mãe, até com meus irmão mais velho já chegou estudar debaixo do pau porque não tinha colégio. Hoje não, hoje já tem o colégio, hoje já tem um posto de saúde, já tem um médico *atendeno*, agora já tá *construino* um posto de saúde aqui dentro, energia já tem, hoje muitas pessoas aqui dentro tem internet, hoje mudou muito, não é mais igual antes, a pessoa não sabia de nada, com a internet, com celular, TV a pessoa não assistia, não tinha energia, já mudou muito agora. Muitas coisa que **a gente** não sabia, através da internet **a gente** já sabe. (IRSm1RR)

Com LFSm3RR podemos observar situação até de maus-tratos, além da falta de oportunidade a acesso à educação formal:

[...] A gente veio praqui, não tivemos estudo nenhum. E aqueles véi de primeiro era carrasco. Eles dizia que **nós** num botava pra estudar não pra

não fazer escrito pra mandar pros rapaz, era aquela democracia, num sabe? Que tinha de primeiro, igual hoje, não tem. Aí **a gente** ficou, fiquemos tudo analfabética tanto eu como minhas prima que morou nesse lugar. Então, **a gente** num teve muito gozo, da infância que era zona rural, trabalhando, né? E aí, já sabia como que era a vida aqui da roça, que **a gente** num teve infância nenhuma. Eu digo assim: eu não tive infância nenhuma. Nem eu, nem **nós** nenhum aqui, que criemos aqui nesse lugar. Nenhuma delas conta vitória. Por que **nós** não tivemos, e aí **a gente** continuou, aí quando casei, casei muito nova, casei com idade de dezessete anos [...]

LFSm3RR lembra de acontecimentos de muitos anos atrás. Menciona “cinquenta anos atrás”. Fala de momento de um processo de migração a que chamamos de migração interna. Ou seja: Saída da beira do rio para um lugar mais alto e o encontro com outros desafios, a exemplo da falta de água encanada:

[...] **A gente** teve uma vida muita aperrriada. Muita aperrriada mesmo, aqui nesse lugar. Aqui quando **a gente** veio pra qui, que saiu da beira do Rio das Rãs, da beira do Rio São Francisco, que **viemos** pra qui, nem água aqui tinha. Pra beber água **a gente** tinha que pegar do rio. Por que não tinha, as vasiinha lá do rio **a gente** trazia pra ir bebendo. Agora que o governo pôs essas caixa que **a gente** tem mais uma água assim mais a vontade. **A gente** tem o cuidado de aparar na chuva, né? E aí, **a gente** tá passando aqui. Mais tem hora que muito aperrriado, nesse lugazin nosso aqui. [...] (LFSm3RR)

É recorrente encontrarmos na fala dessas mulheres contextos que remetem sempre ao passado em contraponto com o presente. Avaliações: “antes”, “depois”, “melhor”, “pior”. Para LFSm3RR [eu+outras mulheres quilombolas] o uso de *a gente* aparece repetidas vezes em variação com o pronome *nós*.

Lá na beira do rio, era melhor. Na beira do rio era melhor porque lá, além da água ser franca do Rio São Francisco, qualquer hora do dia ou da noite cê podia chegar lá e lá tinha outro recurso igual aqui não tem. *A gente* criava ovelha, muita ovelha, *a gente* criava galinha, *a gente* criava muito porco, aí as mulé ajudava os marido porque *nós* pegava o ovo da galinha pra vender, *a gente* pegava, ah, hoje não tem nada de mustura, a gente já ia lá pegava um bode, matava uma galinha, engordava muito porco, pegava um porco daquele, né? Vendia pra comprar uma coisa, se tivesse precisão, que tem coisa que aqui na roça *nós* não produz, né? Que nem o café, o açuca, às vezes tinha a rapadura, porque tinha engenho lá pra onde *nós* morava tinha aquele negócio de engenho, de moer, de fazer rapadura, mas tinha hora que às vezes, não tinha, cê tinha que comprar. Por aí a gente... *a gente* ajudava os marido, com as coisa, menino só faltava rancar o solado do pé correndo atrás de galinha pra pegar. Pra vender aqueles lancheiro, que evinha naquelas barca, que tinha de primera, né? [...]

Vemos contexto em que as mulheres negras chamavam de ajuda

quanto à criação de animais para serem vendidos para a aquisição de mercadorias que não eram produzidas no Quilombo. Nesse caso, produtos industrializados.

Não olvidamos da luta pela terra, pela garantia de pertença efetuada por meio dessa conquista, do conflito. Vale enfatizar a percepção de ocupação de espaços “homens” e “mulheres” realizadas por LFSm3RR:

Nossa, aquilo a gente, a gente viu bastante coisa. Mais, mais era os home. Que nós morava lá na beira do rio, foi onde ele não buliu, nesse, nesse setor onde a gente morava e aí agora mais aqui tem gente que tem mais coisa pra contar de que eu. Que nem ali, Seu Francisco, né Messias? Tem seu Francisco ali, Seu Francisco, ele sabe contar, porque o homem por comum, a cabeça da mulher parece que ocupa mais nos filho, ocupa mais na casa, e os homens não, quando eles tá nessa luta, a luta aqui foi feia, foi braba essa luta aqui. Mas ele, Seu Francisco, tem mais história pra contar mais de que eu. O meu esposo mesmo, ele sabia mais as coisa mais de que eu. Ele saía, vinha pra cá pro méi da briga, e saíam correndo mais um povo aí, fazendo nego tirar, pra desmanchar a ponte, e era um bocado de coisa, foi até pra Lapa, foi até pra a delegacia da Lapa, foi. Que o Carlos Bonfim mandou, mandou prender todo mundo. E aí foi todo mundo pra lá. E aí chegou lá, ele mais os capanga dele não teve coragem de ir. O delegado mandou o povo ir embora. Ele num compareceu. Ele que era o dono, deu a queixa e num compareceu. E agora o povo, o pessoal veio embora tudo com fome, de ficar lá acuado ni porta de delegacia esperando audiência. Mas é bom Messias, você levar ele lá no Seu Francisco. Agora, depois que Messias morreu fiquei com a mente muito vacilona, assim, eu vou conversar, tem hora que eu não tô nem sabendo conversar direito, acho que eu me preocupei muito com a morte dele. Porque a gente se amava muito. Tinha cinquenta e três ano que a gente convivia junto. Aí, ele partiu assim, e foi bem rápido. Fiquei muito preocupada demais e até hoje não tô boa nem pra conversar com as pessoa.

Diferente de LFSm3RR, FFSm3RR narra momentos de luta dos homens e mulheres quilombolas pela posse da terra, em busca de “solução”, sendo as mulheres com participação mais efetiva nas lutas:

[...] Nós só via um os outro na hora da comida. Tinha um pirão, um pirão, um pirão, a gente comia esse pirão. Na hora que nós ia pra lá, pro, pro, atacar os, os, os grandão de lá. Com aquelas faixa e nós tudo sentado, um bocado de quilombola, sentado. E agora que nós quer a solução! Nós quer a solução! Nós quer a solução! Nós quer a solução! Anté nós achava a solução que nós vinha o grupo que ficava cá, rezando, rezando, pedindo a Deus por nós, e pra nós vim mesmo, entendeu? E aí, então nós conseguimos chegar, conseguimos chegar, hoje em dia nós tamo aqui, não tamo muito seguro não porque ainda tem muito pepino, que agora esse quanto mais passa tempo mais eles, torna reviver, né? Aquilo ali. Mas com muito esforço, com muita luta, nós conseguimos alguma coisa. Ia pescar pra gente comer, eles tava na lagoa, tava pescando, jogano nem a

rede, nós ia pescar de linha. [...]

Na voz de LFFm3 as mulheres iam para os movimentos externos, ainda que em alguns momentos os homens eram responsáveis pelas reuniões e as mulheres lidavam mais diretamente no cuidado dos filhos, há clara demonstração de enfrentamento e resistência por parte das mulheres:

Eles chegava. Quem mandou vocês pescar? Eles pegaram a lagoa assim e eles rodaram de máquina assim oh, a lagoa de máquina pra mode eles ficar ali, pra eles vê quem pescava. Mais nós como mulher, nós não tinha medo, nós fazia era figura pra eles, (risos) pra eles deixar nós pescar, entendeu? Nós chegava, oxe! Que que oceis quer? Nós tamo pescando, né? Senta aí e vai ver nós pescar. Pra eles então ir, sabe né? Nós fazia eles sentar mesmo, os, os capangão. Que não deixava ninguém pescar. Eles sentava no redor da linha, eles não sabia jogar linha mesmo e não invocar pra deixa nós mesmo pegar a peixinha. E aí eles, nós ficava, não vai comer não? Que peixe, que farofa? Não. Ceis tem? Nós tem? Pegava, pegava farofa, dava eles, oh eles comendo e nós pescando.

A vida do lugar atualmente conta com escolas, posto de saúde e outros benefícios. No entanto, deixamos de lado por um instante contextos de *nós* e *a gente* e destacamos pronomes de terceira pessoa: “ele” e “ela” e sinais de opressão quanto à situação da mulher (ele – filho, ela – filha). Queremos chamar a atenção para os movimentos do ir à escola, concluir faculdade. Vejamos:

As escolas era meio complicado. Ficava debaixo de pé de pau. Ficava debaixo dos pé de pau. Nas casa das pessoa, na casa daquelas professora, que tinha essa Maria Borja, tinha dona Nilza, tinha Cleusa, ficava debaixo desses pé de pau, dando aula. Menino pegando lenha, pega um bucado de feixe de galho pra fazer a merendinha pra eles comer. Os próprio aluno era os próprio panhador de lenha, os proprio fazedor de merenda. Era. Ficava debaixo de pé de pau pra mode eles poder prender e foi os que aprendeu. Ao menos, os mais velho foi prendido assim. Meu irmão mesmo, Lazinho, Lazinho prendeu tudo assim, não dava nada por ele, mas ele fez tudo, a escola. Meu menino que mora em São Paulo foi prendido assim, ia pra escola com... nesse instante tava falando com meu neto, com a capanguinha de pedacin de calça aqui do lado, debaixo do braço, na hora que ele ficou mais velho deu pra me ajudar também. Era de tardinha ele ia sozinho, uma légua. Ia sozin de tardinha de a pé. Ia pra, pra escola, então ele, ele, ele, ele prendeu, formou, fez faculdade, depois que foi pra São Paulo fez faculdade, minha filha também prendeu aqui também. Prendeu aqui, e fez o ensino, a faculdade ela começou fazer, mas ela parou porque aí dinheiro ficou difícil, trancou, mas nessa época dos (ININT) o tempo era difícil. (LFFm3)

Através da fala de mulheres negras quilombolas de Rio das Rãs podemos observar contexto de uso da língua em que pudemos identificar

as variáveis *nós* e *a gente* em conformidade com os estudos sociolinguísticos visto que as gramáticas normativas registram o pronome *a gente* em discursos informais (Cf. CUNHA; CINTRA, 1985) ou em contexto impessoalizador (Cf. BECHARA, 2004), no entanto, os estudos sociolinguísticos realizados em várias regiões do Brasil têm mostrado o quanto o *a gente* vem ocupando o lugar do pronome *nós* (Cf. LOPES; VIANNA, 2015) e a concorrência crescente do uso do pronome *a gente* em concorrência com o pronome *nós* (Cf. LUCCHESI, 2009).

3. Procedimentos Metodológicos

Serviram de suporte para esta análise 12 amostras de fala de moradores e moradoras da comunidade de fala de Rio das Rãs, *corpus* constituído por 24 informantes, estratificados por faixa etária (F1 de 25/35 anos, F2 de 45 a 55 e F3, mais de 65 anos), sexo (homens e mulheres) escolaridade (analfabeto e até 5 anos de escolarização) e profissão (lavradores e lavradoras).

Os dados para este estudo foram submetidos ao Programa Ant-Conc 3.5.9 (Windows) 2020, sendo, inicialmente, feito uma rodada através da ferramenta *Word List*, o que nos possibilitou saber que o pronome *nós* ocupou uma posição (Rank) 37, com frequência 436 e sua variante *nóis*, ocupou 368º lugar com frequência 28 realizações. A mesma ferramenta permitiu-nos saber que a palavra *gente* (fora do contexto de análise, ocupou o 19º lugar e com frequência 770 ocorrências.

Já a ferramenta *Concordance*, aponta para 592 realizações de *a gente* e *Concordance Plot* possibilitou-nos um levantamento de ocorrências quanto ao uso do pronome *a gente* nas falas femininas e masculinas.

4. Nossos dados: Resultado e discussão

Quanto à realização do pronome *a gente* entre mulheres e homens, importa trazer aqui os dados de acordo com a ferramenta *Concordance*: 592 realizações de *a gente* e o levantamento de ocorrências pela ferramenta *Concordance Plot* quanto ao uso do pronome *a gente* nas falas femininas e masculinas, abaixo discriminadas:

a) As mulheres negras da faixa 1 realizaram as seguintes frequências quanto ao uso do pronome *a gente* 111/592; a faixa 2, frequência de 142/592 e na faixa 3 as mulheres perfizeram 97/592, totalizando, entre as

3 faixas, frequência igual a 350.

Sinalizando, desse modo, maior frequência do *a gente* usado na faixa 2, revelando que as mulheres de meia idade, exibem um comportamento linguístico sem compromisso com as prescrições da Tradição Gramatical, que aponta para o uso do pronome *nós*. Na sequência, as mulheres de faixa 1, revelando uma implementação do pronome *a gente* na comunidade quilombola de Rio das Rãs. Desse modo, vale a ressalva de que as as mulheres da faixa 3 apresentaram uma menor frequência no cômputo da fala dessas mulheres negras (97/592).

b) Quanto aos homens negros da faixa 1, obtiveram frequência 94/592; faixa 2, os homens obtiveram 69/592; e faixa 3, frequência 81/593 (58+23). Observamos que os jovens da faixa 1 realizaram o pronome com maior frequência (94), sem, no entanto, superar a frequência das mulheres nessa mesma faixa (111).

Em conformidade com os nossos dados, quanto ao uso do pronome *a gente*, os homens realizaram uma frequência menos expressiva que a faixa 3, pois essa realizou o pronome com frequência 81. Esse número também foi menos expressivo, comparando-o ao das mulheres da faixa 2.

Diante desses resultados, mesmo que parciais, é possível afirmarmos que, do ponto de vista da variação e da mudança linguística, as mulheres lideram com maior realização do pronome *a gente* 350/592 e os homens 144/592. Com isso, nesse contexto, podemos afirmar que esses resultados confirmam o que diz a teoria de base Sociolinguística de que as mulheres são mais inovadoras que os homens.

5. Considerações finais

Os resultados encontrados no *corpus*, em análise, têm apontado para um uso crescente da forma *a gente*, sobretudo, pelas mulheres negras quilombolas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. 14. reimpr. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

CUNHA, C. C.; CINTRA, L. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 2. ed., 21. reimpr. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, 2008.

VIANNA, J. S.; LOPES, C. R. dos S. Variação dos pronomes “nós” e “a gente”. In: MARTINS, M.A.; ABRAÇADO, J. (Org.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2004.

SILVA, J. A. A. da. *A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do Estado de Bahia*. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2005. 323f.